

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/329070520>

# O negro na telenovela brasileira: um ensaio sobre representações limitadas por poder e estereótipos

Preprint · November 2018

DOI: 10.13140/RG.2.2.36680.16646

---

CITATIONS

0

READS

1,579

1 author:



Izadora Silva Pimenta

Technische Universität Darmstadt

9 PUBLICATIONS 15 CITATIONS

SEE PROFILE

# **O negro na telenovela brasileira: um ensaio sobre representações limitadas por poder e estereótipos**

Izadora Silva Pimenta<sup>1</sup>

## **Resumo**

Este ensaio discute as relações entre a manutenção dos padrões estruturais do racismo contra o povo negro no Brasil e as representações midiáticas destes. Tendo como aporte as constatações sobre racismo no Brasil e racismo midiático de Van Dijk (2005), Ferro (2012), Carneiro (2011), entre outros, bem como a teoria do codificador/receptor e o regime de representação definidos por Hall (1997; 2003), faço um breve olhar sobre o negro na telenovela brasileira e como estas trazem, em grande parte, uma representação única e associada a personagens subalternos.

Palavras-chave: Negro na mídia; Telenovelas; Estereótipos; Representações Midiáticas

## **Introdução**

O presente ensaio pretende discutir algumas nuances da intersecção da mídia com a manutenção dos padrões estruturais do racismo contra o povo negro presentes na sociedade brasileira. Em meio a uma falsa democracia racial, perpetuada por uma negação da existência dessa questão (VAN DIJK, 2005), a televisão brasileira conta uma narrativa única sobre o negro, reproduzindo e (re)afirmando estereótipos e estigmas que prejudicam, em larga escala, a afirmação de identidade racial (CARNEIRO, 2003), além de marcar a subalternidade racial e social como algo natural (ALMADA, 2012, p.28).

A pesquisa mais recente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) destaca que 54,9% da população brasileira era composta por pretos e pardos em 2016 - estes que constituem os negros do país, de acordo com classificação do mesmo órgão<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística Aplicada na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e bacharela em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2013). É bolsista de mestrado pela Fundação de Desenvolvimento da Unicamp (FUNCAMP) e integrante do grupo de pesquisa MiDiTeS (Mídia, Discurso, Tecnologia e Sociedade), liderado pelo Prof. Dr. Rodrigo Esteves de Lima-Lopes. Contato: i189201@g.unicamp.br

<sup>2</sup> Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101377.pdf>. Acesso: 26 Nov 2017

A pesquisa também identificou um aumento na população que se declara preta ou parda. O que vemos na televisão brasileira, contudo, não condiz com essa parcela representativa, criando e exportando uma imagem do país que não corresponde à realidade (GRIJÓ E SOUSA, 2012): o Brasil televisionado é predominantemente branco.

A população branca, por sua vez, representa o poder “social, econômico, intelectual e cultural do país” (VAN DIJK, 2005, p.134). Estando à margem desses poderes, a população negra raramente tem a oportunidade de ser responsável por representar a si mesma nestes espaços. O poder dessa identificação, portanto, fica nas mãos da maioria que detém essa estruturação, “pois esse poder depende da posição que se ocupa no sistema de relação que liga os grupos” (CUCHE, 1999, p. 185-186).

Isso não quer dizer, contudo, que as pessoas responsáveis pela identificação estão diretamente ligadas à construção de roteiros ou estão no comando de meios de comunicação: tem muito a ver com o que o público está acostumado a ver diariamente em suas casas. Ressalto aqui a análise de Hall (2003) que, ao versar sobre sua teoria em torno do codificador/receptor, destaca o papel desses receptores como parte integrante do processo de construção da mensagem que é passada pela mídia, ou seja: os *feedbacks* por parte do público influenciam diretamente na produção. O autor ainda destaca que as práticas discursivas utilizadas podem ser traduzidas ou transformadas em práticas sociais se a forma de circulação das mensagens for efetiva e que elas geram códigos que são naturalizados e, sim, transformados em uma espécie de hábito para sua audiência, bem como estes são organizados por “significados dominantes ou preferidos” (HALL, 2003, p.123).

A relação entre o poder, a diferença e a representação pode gerar, assim, o estereótipo, como nos traz Hall (1997), que salienta que essa relação pode gerar um “regime de representação” e um poder simbólico sobre certas práticas: ou seja, a liberdade para representar o outro. “Poder para marcar, atribuir e classificar” (HALL, 1997, p.239) a

partir de estereótipos imaginados ou que refletem aquilo que é percebido como real. Ele aponta que, além do que é representado visualmente, os significados implícitos daqueles estereótipos também fazem parte dessa representação. O estereótipo reduz, essencializa, naturaliza e marca a diferença (HALL, 1997, p.258).

### **Um breve resumo do negro televisionado fora da ficção: jornalismo e publicidade**

Assistir a um telejornal no Brasil é, também, se deparar com um ideal de cidadão comum: as famílias brancas são privilegiadas para representar essa relação - fato que, não só visível para qualquer um que ligar a televisão, foi analisado em pesquisas como a de Ferro (2012). Enquanto isso, aos negros, estão reservados os mesmos papéis de sempre, que encaixam em seus estereótipos perpetuados pelo meio (VAN DIJK, 2005; FERRO, 2012). Há uma resistência em apresentar os negros como integrantes de uma família comum, bem como, entre as notícias reservadas a trazer a imagem de negros, é comum que o teor seja negativo (VAN DIJK, 2005).

O estudo de Ferro (2012) envolveu uma análise de 12 reportagens de uma série sobre saúde do programa Fantástico, da Rede Globo, a partir do qual se evidenciou essa ausência de negros das narrativas comuns, além da contribuição dos telejornais para o reforço de estereótipos negativos e de padrões imutáveis, que permanecem fixos no imaginário. Ele detectou que a presença de personagens brancos nesta reportagem supostamente trariam maior credibilidade para o assunto, além de identificação por parte do telespectador. Da Silva Lopes e Dos Santos (2013), ao analisar os discursos do Dia Nacional da Consciência Negra no jornalismo televisivo brasileiro, também indicaram que as matérias são guiadas de acordo com rentabilidade e com elementos distorcidos frente à realidade racial brasileira, focando em questões de igualdade e excluindo a realidade de um sistema racista.

Quando voltamos o olhar para a publicidade, a história já é um pouco diferente: o negro é visto como cidadão consumidor de determinados produtos e, por isso, algumas das

propagandas televisionadas também costumam trazer imagens de negros. Porém, estes são representados de forma única e nunca em sua total diversidade, enquanto podemos encontrar uma gama de personagens brancos nessas peças (CARNEIRO, 2011). Assim, a branquitude é retratada de forma “diversa e policromática”, enquanto a negritude “padece de toda sorte de indagações” (CARNEIRO, 2011, p.71).

Costa (2012) reflete que essa situação na qual se encontra o negro na propaganda acaba por dar caráter de minoria a uma parcela da população que, na verdade, representa a maioria, difundindo uma história de que os brasileiros são majoritariamente brancos, a partir de uma imagem desproporcional de quem faz parte desse sistema. Os negros, por sua vez, são marcados pela diferença (COSTA, 2012, p.58). Além disso, tanto a autora quanto Carneiro (2011) incluem o problema da miscigenação no Brasil, que também exclui ou embranquece negros de pele clara nestes contextos, reservando esses espaços a um negro único apenas para passar uma falsa impressão de que respeita a diversidade étnica e racial. Mais uma vez, a presença do negro é estereotipada e, neste caso, vem apenas para resolver problemas de potencial de consumo ou de uma suposta responsabilidade social.

### **A telenovela como reforço dos padrões**

Se as representações dos negros na mídia operam desta forma, não seria diferente com as histórias que chegam diariamente nas casas dos brasileiros. A telenovela, além de replicar esses estereótipos advindos das relações de poder, mantém-os, salvo algumas exceções, fixos. Vários temas e cenários já passaram pelo imaginário brasileiro, mas os personagens principais e/ou aqueles que possuem certa importância para o desenvolvimento da trama são os brancos representados em toda a sua complexidade dos quais fala Carneiro (2011).

Araújo (2000), em documentário seminal sobre a participação do negro nas telenovelas brasileiras, investiga, através dos anos, quais são os papéis frequentemente designados a

estes atores, bem como as narrativas das novelas são construídas em torno de personagens brancos. Desde a primeira novela na qual uma personagem negra fez sucesso entre o público<sup>3</sup> até os anos que se seguiram, a posição do personagem negro era, salvo pouquíssimas exceções, ou de subalternidade ou como parte de um enredo que pertencia a um personagem branco, prioritariamente. Ou seja: esses personagens estavam inseridos ali para servir brancos ou para complementar a história de brancos.

Como nos lembra Araújo (2008, p. 979), "nenhum dos grandes atores negros parece ter escapado do papel de escravo ou serviçal na história da telenovela brasileira". Essa situação, mesmo frente a um discurso de democracia racial que engloba a identidade brasileira institucional, se mantém até os dias de hoje. Ribeiro (2017) comenta o excesso da figura do personagem negro, pobre e que sofre uma intensa luta contra o racismo nas histórias recentes que foram apresentadas na televisão brasileira. A autora argumenta que a questão racial vem sendo trazida como um "mais do mesmo", ou seja: este é o único filão apresentado para levar histórias de pessoas negras às casas do país, privando essas personagens de uma história própria ou de um enredo comum, ponto que também é salientado por Araújo (2000). Há, ainda, o problema de banalizar o racismo enquanto crime, com desfechos que terminam em pedidos de desculpas ou com o silenciamento do problema.

Para as mulheres negras, especificamente, há um excesso de papéis pré-designados, como faxineiras, empregadas e babás, sempre na condição de subalternidade. Essas mulheres muitas vezes são privadas de família, sendo apresentadas apenas servindo aos seus patrões (D'ALMEIDA, 2015) ou como coadjuvantes fixas de uma personagem principal, bem como seus relacionamentos inter raciais acabam servindo de apoio para uma falsa democracia racial nessas tramas (RIBEIRO, 2017). É como hooks (1995, p. 465) destaca ao dizer que "o sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma

---

<sup>3</sup> "...a mulher negra era representada regularmente como escrava e empregada doméstica, encaixando-se na reedição de estereótipos comuns ao cinema e à televisão norte-americanos, como as *mammies*. O melhor exemplo foi o grande sucesso da atriz Isaura Bruno, quando interpretou a mamãe Dolores, na mais popular telenovela do período, *O direito de nascer*" (ARAÚJO, 2008, p.980).

iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir os outros".

A ideia de que o povo negro está sempre pronto para servir, bem como a ligação de seus estereótipos com o exótico ou aquilo que está próximo da natureza (HALL, 1997) também os coloca em mais uma posição perigosa dentro dessas tramas. A partir do final dos anos 60 (ARAÚJO, 2008, p. 980), cresceu a figura do corpo negro enquanto sedutor, sexualizado e destruidor de lares. Uma nuance da fetichização presente na sociedade em torno da figura do exótico, do belo proibido - alçado à figura do amante, da diversão, enquanto os atores brancos ainda representam os relacionamentos sérios e os padrões de beleza, figurando como os galãs e as mocinhas das telenovelas, sempre em destaque, enaltecendo o padrão de beleza europeu e legitimando a superioridade do branco, fator que ainda irradia sobre toda a América Latina e suas produções midiáticas (ARAÚJO, 2008).

O estudo de Grijó e Sousa (2012) procurou atualizar as considerações de Araújo (2000) analisando os personagens negros nas novelas da Rede Globo da década de 2000. Neste estudo, foi constatado que houve uma maior presença de personagens negros dentro da narrativa da classe média, mas que essas histórias ainda ficaram em segundo plano, secundárias à trama. Os autores também identificaram que os negros raramente são identificados com seus sobrenomes de família, como ocorre em narrativas de personagens brancos. A única exceção é Romildo Rosa, personagem de Milton Gonçalves na novela "A Favorita", exibida em 2008.

Por fim, a pesquisa ainda concluiu que as tramas exibidas entre 18h e 19h, com um tom mais leve, romântico, eram as que contavam com uma presença menor de negros, excluindo por inteiro a participação na negritude em seus universos. A presença de uma personagem principal negra na novela das 21h, Helena, personagem de Taís Araújo em "Viver a Vida", exibida em 2009, também foi questionada pelo público, perdendo seu espaço para uma personagem branca, além de não ter fugido de alguns estereótipos

resignados ao negro nas teledramaturgias, como a posição de subalternidade (GRIJÓ E SOUSA, 2012, p. 196-197).

Em 2012, uma novela da Rede Globo, Avenida Brasil, ficou conhecida por, entre outros fatores, retratar a ascensão da Classe C, com sua história principal sendo ambientada em um bairro suburbano, o fictício Divino. Presente no imaginário brasileiro por representar uma "realidade sociocultural da população brasileira", a novela contou apenas com 9,7% de negros entre seus personagens (DO NASCIMENTO SANTOS, 2015), sendo estes pouco fundamentais para o desenvolvimento da trama principal em questão, com a ausência de ligações familiares e sendo reduzidos, ainda assim, por seus estereótipos de subvalorização (DO NASCIMENTO SANTOS, 2015; D'ALMEIDA, 2015).

### **Considerações**

A partir desse primeiro olhar sobre a representação do negro na mídia, podemos ver como, em todos os seus aspectos, com atenção especial para as telenovelas, essa representação ainda é única, associada aos papéis subalternos e deslocados de uma classe que, apesar de não representar a maioria do país, é maioria no papel de quem constrói essas representações. Desta forma, como nos trazem Araújo (2000) e Van Dijk (2005), temos os negros sendo representados a partir de seus estereótipos provenientes dos tempos da escravidão no país, tidos como serventes ou inferiores; a cultura negra sendo representada como folclore e relacionada a festividades como o Carnaval; negros sendo associados à pobreza, ignorância e outras questões negativas à sua imagem; e, ainda, como acrescento a partir de Hall (1997), trazido à imagem do outro estereotipado: quando trazido para a classe média, corre-se o risco de mostrar um ator negro representando um papel tipicamente ligado ao mundo cultural do branco.

Existem avanços, mas estes, embora representem uma queda dos padrões descritos, ainda são tímidos e poucos. Um bom exemplo é a série "Mister Brau", exibida no



formato de temporadas na Rede Globo e liderada pelos atores Lázaro Ramos e Taís Araújo, que são vozes conhecidas por questionar o racismo no Brasil. A série traz importantes críticas a essa estrutura e salienta a luta por espaço que os negros enfrentam nesta sociedade (BANDEIRA, 2017).

É possível observar que, ao mesmo tempo em que inclusão racial na mídia é tida como responsabilidade social, não se consegue fugir dos estereótipos pré-existentes: a presença de um negro deslocado e tido apenas como o representante dessa dita responsabilidade. D’Almeida (2015, p.245) nos traz que esses estereótipos que se renovam dificultam “a emergência de outro sujeito e outra consciência” a respeito deste lugar que as pessoas negras, bem como sua história e seu arcabouço cultural, ocupam neste espaço, de modo que a identidade destas continua sendo construída prioritariamente pelo outro, fruto de uma dominação decorrente da estrutura racista tão negada na sociedade brasileira.

Tal qual a estrutura negada, as imagens representadas também fazem parte de um contexto no qual elas são tidas como o comum, como um padrão que ainda parece preguiçoso para desafiar as regras de tal regime de representação. Uma análise mais aprofundada seria necessária para saber como essas questões operam em discursos naturalizados e se cristalizam na linguagem.

### **Referências Bibliográficas**

ALMADA, Sandra. Prefácio. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane. (Org.) *Mídia e racismo*. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2012.

ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. Senac, 2000.

ARAÚJO, Joel Zito. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. *Estudos Feministas*, v. 16, n. 3, p. 979, 2008.

BANDEIRA, Gabriela. Mr. Brau e a Representatividade Negra na Televisão Brasileira. Séries por Elas, Julho de 2017. Disponível em: <<https://seriesporelas.com.br/mr-brau-representatividade/>>. Data de acesso: 11 Nov 2017

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos avançados*, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil: consciência em debate*. Selo Negro, 2011.

COSTA, Kátia R. R. da. De quando a pluralidade revela a invisibilidade. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane. (Org.) *Mídia e racismo*. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2012.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 1999.

D'ALMEIDA, José Ricardo. O estereótipo do negro na telenovela Avenida Brasil. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 7, n. 16, p. 236-255, 2015.

DO NASCIMENTO SANTOS, Thais Helen. MÍDIA, REPRESENTAÇÃO E RAÇA: o negro na telenovela Avenida Brasil. *Revista Mediação*, v. 17, n. 20, p. 13-26, 2015.

FERRO, Rogério. O negro sem cor no telejornalismo brasileiro. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane. (Org.) *Mídia e racismo*. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2012.

GRIJÓ, Wesley Pereira; SOUSA, Adam Henrique Freire. O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações. *Estudos em Comunicação*, n. 11, p. 185-204, 2012.

HALL, Stuart. Encoding/decoding. In: HALL, Stuart et al. (Ed.). *Culture, media, language: working papers in cultural studies*, 1972-79. Routledge, 2003.

HALL, Stuart. The spectacle of the other. In: HALL, Stuart (Ed.). *Representation: Cultural representations and signifying practices*. Sage, 1997.

hooks, bell. Intelectuais negras. *Estudos feministas*, v. 3, n. 2, p. 464, 1995.

RIBEIRO, Stephanie. Até quando as negras serão domésticas na sua novela?. *Marie Claire*, Novembro de 2017. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Blogs/BlackGirlMagic/noticia/2017/11/stephanie-ribeiro-ate-quanto-negras-serao-domesticas-na-sua-novela.html>>. Data de acesso: 11 Nov 2017

DA SILVA LOPES, Ivonete; DOS SANTOS, Sales Augusto. Rede Globo e TV Brasil: diferentes discursos sobre o Dia Nacional da Consciência Negra. **Revista Fórum Identidades**, 2013.

VAN DIJK, Teun A. *Racism and discourse in Spain and Latin America*. John Benjamins Publishing, 2005.